

Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a costa d'África e o Brasil (1812)*

Luis Antonio de Oliveira Mendes

(*Memória*, páginas 21, 22 e 23)

Discurso acadêmico ao programa

Determinar com todos os seus sintomas as doenças agudas, e crônicas, que mais frequentemente acometem os pretos recém-tirados da África: examinando as causas da sua mortandade depois da sua chegada ao Brasil: se talvez a mudança do clima, se a vida mais laboriosa, ou se alguns outros motivos concorrem para tanto estrago: e finalmente indicar os métodos mais apropriados para evitá-lo, prevenindo-o, e curando-o. Tudo isto deduzido da experiência mais sisuda, e fiel.

* A *Memória* de Oliveira Mendes foi lida na Real Academia das Ciências de Lisboa em 1793, mas publicada somente em 1812.

Os trechos foram transcritos de Mendes, L. A. de O. *Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a Costa d'África e o Brasil*: apresentada à Real Academia das Ciências de Lisboa, 1793. Prefácio de José Capela. Porto: Publicações Escorpião, 1977. As páginas indicadas se referem a esta edição, nomeada aqui *Memória*. Quando se indica a “versão alternativa”, ou *Discurso*, o texto (entre colchetes e em itálico) foi transcrito de Mendes, L. A. de O. *Discurso acadêmico ao programa...* In: Carreira, A. *As companhias pombalinas de Grão-Pará e Maranhão e Pernambuco e Paraíba*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1983 (1ª ed. 1969). Apenso documental (documento n. 11), p. 364-420 [transcrito de *Memórias económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Tomo IV. Lisboa: Tipografia da Academia, 1812, p. 1-82].

Observe-se que somente alguns trechos selecionados da “versão alternativa” foram apostos ao trecho correspondente da outra versão, pois minha intenção foi apenas

Entre os projetos, em que se tem desde a sua origem, e estabelecimento empregado esta Real Academia, nenhum é mais digno de louvor, do que o presente, que foi dado para discorrer-se: porque ao tempo, em que ela compadecida se manifesta uma perfeita, e verdadeira amiga desta porção mais desgraçada da espécie humana, consultando em geral os interesses dos pretos recém-tirados dos Reinos Africanos para o Brasil, na preservação das suas vidas; consulta também em particular os dos seus senhores, que, por efeito da compra, de contínuo arriscam o seu valor, e importância, que com aqueles se sepulta: e em comum os do Estado, que sabe, e pesa, que eles são tanto mais preciosos, quanto necessários para a estabilidade, e promoção da agricultura, e das diferentes manufaturas nos domínios do Ultramar [*com transcendência às nações estranhas*] (*Discurso*, p. 364); de cujos transportes continuados, fazendo sucessivamente girar o comércio, e pôr em atividade a navegação, se percebem avultadíssimos direitos.

Para prosseguir em um assunto tão vasto, e em um objeto, que por si mesmo se faz recomendável, e digno das maiores atenções, procedendo metódica, e, quanto possível me seja, concisamente, dividirei este discurso em seis partes, juntando a cada uma delas as reflexões precisas; e estas em seu todo derivadas da mais sisuda, e fiel experiência.

Na primeira parte: tratarei da natureza, e da qualidade do ar, que os pretos respiram na África; da salubridade das águas; da temperatura, ou intemperança do seu clima natalício; da liberdade do seu viver; dos seus costumes; no que, e quanto se ocupam; de que se sustentam; e finalmente do vestuário, que lhes serve de resguardo ao corpo.

Na segunda parte: tratarei do modo, causas, e princípio, porque são desapossados da sua apreciável liberdade; concluindo com os sistemas, pelos quais os pretos na mesma África são trazidos para o cativoiro.

Estes dois pontos ao tempo que fazem parte do Discurso, lhe servem de uma precisa introdução; e por isso tive conveniente principiar por eles, para [*extrairmos as luzes e*] (*Discurso*, p. 365) os conhecimentos necessários.

Na terceira parte: tratarei [*do horroroso artigo e*] (*Discurso*, p. 365) da lastimosa situação dos pretos escravos; e subdividirei a mesma escravidão em três

ilustrar como as passagens de caráter antiescravista mais explícito, bem como certas afirmações de estilo mais enfático e direto do *Discurso* foram suprimidas na *Memória* (sobre a existência das duas versões, veja-se o artigo de apresentação).

As duas reedições portuguesas tiveram a ortografia atualizada, aqui ajustada para a ortografia brasileira; a pontuação da edição de 1977 foi seguida, exceto pequenos ajustes.

Seleção dos excertos, cotejo das duas versões, revisão e notas de Ana Maria G. R. Oda.

distintas idades, a saber: a primeira quando são desnaturalizados dos seu país até ao porto marítimo, onde na África são revendidos para serem transportados para o Brasil: a segunda, quando são transportados, e entregues ao Comissário até àquela época em que são revendidos no Brasil a diversos senhores; a terceira, quando na América os senhores os compram, e os ficam possuindo até ao último espaço das suas vidas.

Na quarta parte: tratarei das doenças agudas, que ordinariamente os acometem, e que são adquiridas nas mudanças, e variações dos seus alongados transportes; onde tudo de mau, e contrário à saúde os persegue.

Na quinta parte: tratarei das doenças crônicas, tirando algumas delas a sua origem das agudas, de que escaparam; e indicando de onde sejam provenientes as outras, que de novo insurgem.

Neste lugar a seu tempo pela demonstração dos fatos deduzidos, e tirados da mais fiel experiência, me verei obrigado a tirar as duas necessárias conclusões: primeira, que os pretos, que da África são transportados para o Brasil, escapando a tantos contratemplos, inclemências, e infortúnios, podem ser chamados homens de pedra, ou de ferro.

Segunda, que a causa de toda a sua grande mortandade, e estrago, além das outras causas que menos concorrem, é o modo por que são tratados, e que faz nascer a maior parte das suas moléstias: as quais cada vez mais vão crescendo, e levam os pretos à sepultura.

Na sexta parte: tratarei com fidelidade dos meios de se acautelarem, e de se curarem umas, e outras enfermidades, sendo tudo deduzido da experiência,¹ das mais exatas informações, e da presencial observação deste fatal estrago; fazendo esta última parte um perfeito jogo com as reflexões, e princípios estabelecidos, e espontaneamente nascidos de todas as outras precedentes.

Capítulo I (*Memória*, páginas 25, 26, 28 e 29)

Da natureza, e da qualidade do ar, que os pretos respiram na África; da índole deles...

É coisa por todos bem sabida, que a grande porção de pretos, que da África são transportados para fornecer de escravatura a todo o Brasil, é extraída da Costa chamada da Mina; de Cabinda; do Reino de Angola; do Novo Redondo; de Benguela; de Cabo Verde;² portos todos estes da costa leste na África: sem que

1. Fala-se da experiência doméstica, e não da clínica (nota do autor).

2. Da Ilha de Cabo Verde se exporta a escravatura para o Pará (nota do autor).

se fale nas ilhas adjacentes de Bissau; e Cacheu; de Fernando Pó; da Ilha do Príncipe; de São Tomé; da do Ano Bom;³ e de Moçambique na contra-costa.⁴

Todas estas terras, segundo descrevem as cartas geográficas, ficam de 1 a 8 graus ao Norte, e ao Sul do Equador.

Desta dedução se tira a certeza de que os pretos exportados para o Brasil, ainda considerados no centro dos seus sertões, são na sua origem, e nascimento, habitantes dispersos do meio-dia.

Em razão desta sua situação local, é claro, que sendo eles habitantes da zona tórrida, o seu clima vem a ser intemperado, ardentíssimo; o que obriga ao terreno, e conseguintemente aos habitantes à demasiada evaporação e transpiração. Por isso mesmo a atmosfera, que sobre eles carrega e circula, é mais crassa, e o ar mais pesado e menos puro, que se pode considerar; sem que, por essa mesma causa da situação, possa haver viração e ventos sucessivos, que refrescando-os, os refaça de um novo ar, e este saudável que os vivifique.

(...)

Porém os pretos, que no seu seio nasceram, e que dentro dele têm o berço maternal, ali vivem com satisfação plena; tendo este clima pelo melhor, porque outros não conhecem: e por efeitos da correlação que o nascimento tem com o clima, em um ar quase empestado, logram no seu tanto uma perfeita saúde, e são proporcionalmente menos acometidos das grandes, e cruéis enfermidades do que outros quaisquer, que lá entram (...).

(...)

Estes povos no seu clima natalício têm toda a liberdade no seu viver, e têm como uma regra inalterável, e sem limites tão-somente a sua vontade. Não obstante esta franqueza do seu viver, têm certas leis, ainda que muito poucas, a que vivem sujeitos. Adotam entre os seus costumes a poligamia, e são severos em fazer guardar, e cumprir (para me explicar assim) no seio da sua incultura a fidelidade conjugal.

O caráter destes povos, ainda vivendo no centro da barbaridade, e do gentilismo, é o serem por gênio resolutos, dóceis, sisudos, e de boa fé; por isso em tudo a que se entregam, e de que são susceptíveis, são extremosos, e constantes. São amantes em o último extremo: são vingativos, quando desenganados lhe dão motivos para o serem; e por isto sendo capazes do amor,

3. Não se fala nas ilhas de Bissau, e de Cacheu, e em todas as outras mais: porque ainda que em os seus sertões haja pretos, contudo todos quantos se podem reduzir a escravidão são poucos, ou quando muito suficientes para o serviço da terra (nota do autor).

4. De Moçambique é onde os franceses, e portugueses vão buscar, e negociar escravos, que transportam para a Ásia (nota do autor).

e do ódio, com facilidade trocam um pelo outro: nunca desabridamente por efeitos da inconstância; mas sim pela ardência, auge, e reconhecimento da ofensa. São muitíssimo fiéis a quem se inclinam, e chegam a estimar; e têm ódio com o mesmo extremo a quem chegam a aborrecer: o que melhor, e muito confirmará o que se há de deduzir nas outras partes.

São os pretos da África sadios, fortes, robustos, e de uma boa compleição, e natureza no seu tanto. Entre outras demonstrações, a que mais por ora nos desengana, e nos convence, vem a ser que eles na sua menoridade, e ainda já adultos, fazem pôr por enfeite, e sinal em as suas faces muitos lanhos, e estes atravessados, e profundos, cujos golpes chegam quase até aos ossos, sem que passem pelo perigo de vida; o que bem confirmam as infinitas cicatrizes maiores, e menores, que vemos em as faces dos pretos, que da África são transportados para o Brasil, e do Brasil para Portugal.

Esses ditos lanhos não só têm por fim o enfeite que eles presumem; mas também são indicativos da família, do reino, do presídio, e do lugar onde nasceram, e são moradores (...).

Supportam ainda mais; pois quando são permutados, sofrem o sinal privativo do sertanejo que os leva na escravidão, para serem conhecidos, e achados, no caso de fuga. Ainda de mais lhes acresce, que chegando ao porto marítimo, onde hão de ser embarcados, aí tornam a ser marcados no peito direito com as armas do rei, e da nação, de quem ficam sendo vassalos, e vão viver sujeitos na escravidão; cujo sinal a fogo lhes é posto com um instrumento de prata no ato de pagar os direitos: e a esta marca lhe chamam *carimbo*.

Sofrem de mais outra marca, ou carimbo, que a fogo também lhes manda pôr o privativo senhor deles, debaixo de cujo nome, e negociação eles são transportados para o Brasil; a qual lhes é posta ou no peito esquerdo ou no braço, para também serem conhecidos no caso de fuga: sem que nestes lances a natureza ceda a tais martírios.

(...)

Capítulo III (*Memória*, páginas 43, 50, 51, 52 e 53)

Primeira idade da escravidão dos pretos na África...

Reduzido o homem preto livre à escravidão na África, ou porque a ele assim foi julgado, ou por efeitos [*da piratagem e*] da aleivosia, como fica dito, é o indivíduo da espécie humana o mais infeliz, que se pode considerar. [*que se pode considerar; porque desde logo é lançado a ferros, aonde só come o que os primeiros inimigos da humanidade, e tiranos lhe querem dar*]. Em aquele instante, em que perdeu a liberdade, perdeu também tudo quanto lhe era bom, e aprazível

[e gostoso]. [À vista do que eles entram a suportar que coisa foi o extermínio de Adão lançado fora do Paraíso!] (Discurso, p. 378).

(...)

Terceira idade da escravatura dos pretos; que é desde que são desembarcados no Brasil.

Há portanto, pois, anualmente um sem número de escravos transportados de toda a costa da África ao Brasil; parece que refolegando a humanidade oprimida, seria um dia de triunfo, de glória, e de prazer para a mesma humanidade, que escapando a tantos perigos, entrava no cristianismo, no centro, e na unidade da Igreja: porém assim não sucede, porque não sei se diga, que o remanescente de seus dias é mais desgraçado.

Desembarcada esta grande porção de escravatura na América, é conduzida para casa do comum senhor, que também o é do navio, e de toda a negociação. Ali para ser vista de todos, são os escravos postos, e mandados assentar em lotes, e com separação dos grandes aos pequenos, das pretas maiores e menores, na rua pela frente da propriedade do senhor; e quando à noite se faz preciso ser recolhida a escravatura, repousa em um grande armazém térreo, que fica por baixo da propriedade senhorial.

Quando esta porção de escravatura chega ao Brasil, consigo pensa, e bem, que entrando na terra prometida da abundância, e da fartura, nada lhe deve faltar; porém o contrário lhe sucede, porque por se querer liquidar a negociação pela menor despesa [*porém o contrário lhe sucede, porque a ambição, e a avareza está apurada em querer liquidar a negociação pela menor despesa*] (...); e na terra da abundância, onde tudo é barato, não se supre melhor a maltratada escravatura, que acaba de uma tão alongada viagem. [*É miséria mais do que desgraça, que na terra da abundância, onde tudo é barato, não se supra melhor a maltratada escravatura, que acaba de uma tão alongada viagem!*] (Discurso, p. 386).

Neste suprimimento não entram os senhorios dela, porque todo o seu fim, e intento vem a ser gastar pouco, e pôr fora com venda depressa a mesma escravatura: acometendo a esse tempo o maior número das enfermidades à escravatura, aos enfermos mandam às vezes persuadir pelos intérpretes, quando saem para a mostra da compra, que digam aos novos senhores que estão bons (...) de sorte que da cama do chão, aonde se acham gravemente enfermos, são levados, e passados aos compradores (...).

(...)

Pela maior parte assim como vivem, morrem ao desamparo. Não se chama médico por dois princípios, 1^o porque há bastante dificuldade em visitar, e curar os pretos; 2^o porque pela paga, que o senhor há de dar ao médico, vem a escravatura a ficar mais cara. [*Não se chama médico por dois princípios, 1^o porque a insensibilidade, para não chamar de irreligião, com fatuidade tem*

persuadido aos médicos ser injúria de irem ver, curar, e visitar os pretos; 2^o porque havendo algum médico, ou de mais caridade, ou mais cego do interesse, confundindo-se nesta parte a virtude e o ânimo de lucrar com a injúria, a obrigação do ofício com a sem-vergonha, e desprezo, pela retribuição e paga, que o senhor há de dar ao médico, vem a escravatura a ficar mais cara.] (Discurso, p. 387).

E o mesmo a respeito dos cirurgiões. *[Estes mesmos perversíssimos, e desumanos sentimentos, que só têm princípio na ignorância colorada com o pundonor, são extensivos aos cirurgiões (...)] (Discurso, p. 387).* Assim a escravatura vai a ser entregue a uma alveitaria, qual é a dos pretos sangradores, e estes são os que de ordinário são chamados, quando de dia em dia se vai sumindo, por efeitos da morte, a escravatura para debaixo da terra. Estes sangradores são os péssimos cirurgiões, que embarcam para a costa de leste.

Uma cama no chão, umas comidas escassas, um fastio nascido da enfermidade, as mesmas enfermidades desamparadas, procurando a ultimação do homem escravo, o mau trato em geral; são as coisas que levam em cada um ano um sem número de escravos à sepultura.

(...)

368

Passando o escravo pelo título da venda a novo senhor, ele se persuade que escapou da opressão *[que escapou a um tirano]*; porém de ordinário *[vai encontrar, e achar outro mais cruel]*, ou se empregue nos serviços rústicos, ou urbanos, está vivendo em um contínuo martírio. Se o escravo se ocupa em o serviço urbano, ele sim é mais bem tratado pela comida, e pelo vestuário *[porém está sujeito a mil inclemências]*; porém se é comprado para servir a casa, há de dar conta de todo o serviço dela com repartição das horas *[dos quartos e até dos minutos]*, e é um fiador eterno dos bens da mesma casa. Se em alguma coisa discrepa, ou quanto faz não se amolda a um gênio sempre prevenido contra o humilde escravo, é logo mandado castigar. *[Se em alguma coisa discrepa, ou quanto faz não se amolda a um gênio tirano, superior, e sempre de mão alçada contra o humilde escravo, é metido no tronco, e no grilhão por dias, e por semanas, e muitas vezes são logo mandados açoitar.] (Discurso, p. 388).*

*[Os tiranos fazem divertimentos da crueldade, se o escravo delinqüiu pelo Santo Antônio, contam-se-lhe a trezena de açoites (...). Eu vi correr pelo chão o sangue de meus semelhantes. Eu vi os seus olhos escarnados pelos açoites. Eu os vi morrer nele, e passam impunes os tiranos.] (Discurso, p. 388).**

* Este longo parágrafo, que descreve em detalhes certas práticas de tortura, está ausente da versão *Memória* (nota da editora).

Os escravos metidos nesta tortura, sustentando o horrível combate da vida com a morte, tremendo, e sendo obrigados amiúde a comparecerem como réus: alguns tomam o fôlego, e morrem; outros passam navalhas às goelas; outros lançam-se aos poços; outros precipitam-se das janelas, das grandes alturas; outros finalmente matam a seus senhores.

(...)

O escravo porém, que é comprado, e destinado para o serviço rústico, no qual se ocupa, e se faz necessário a maior parte da escravatura à promoção das fábricas daquele país; além de sofrer todas as referidas inclemências, ainda lhe acresce que lhe taxam diariamente o trabalho, ao qual chamam *tarefas*: e não as concluindo são castigados. Não lhe dão vestuário, nem sustento; e lhe dão o sábado livre, e terras para poderem ganhar, e trabalhar para o sustento de toda a semana: porém este sistema de economia não pode ser desempenhado, nem conseguir-se os fins só apenas pensados. Por isso parte desta escravatura se ocupa no furto das novidades que os mais plantam; e dali só se pode tirar por conclusão, que eles têm um dia certo para furtar.

Capítulo IV (*Memória*, páginas 55, 56 e 59)

Das doenças agudas, que ordinariamente acometem aos pretos escravos...

Posto que esta matéria precisa das observações médicas feitas por professores, contudo cuido poder dizer, que a primeira, e mais prejudicial das moléstias agudas, que sofrem os pretos escravos (...) vêm a ser umas grandes, e repentinas febres, bem semelhantes às perniciosas: as quais trazem consigo péssimos sintomas, e são decisivas; porque em poucos dias os matam, por serem amalinadas.

Estas febres em os países africanos são chamadas *carneiradas* (...).

(...)

Os sintomas desta terrível, e destruidora enfermidade, pelos quais ela logo pode vir a ser percebida, são as repentinas sonolências; que crescendo, e aumentando-se por efeitos do progresso da mesma moléstia, e da ardentíssima febre, prostram o enfermo de um tal modo, e este tão veemente, que o entregam a um letargo, do qual no seu auge se passa para a outra vida. A isto se acode com grandes, e repetidas sangrias, com Água de Inglaterra, e com muita quina, tendo-se por último remédio as sarjas* (...).

* Segundo Lycurgo Santos Filho, a Água de Inglaterra era um medicamento que continha quina, substância com propriedade febrífuga, obtida da casca de árvore peruana de mesmo nome (Santos Filho, L. C. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1991, vol.1, p. 289, p. 168). Sarjar é escarificar a pele, para sangria superficial (nota da editora).

(...)

Para todas as enfermidades têm os pretos africanos os seus curadeiros, que observam as moléstias, e que pela força do uso, e costume, aplicam a cada uma delas diversos remédios; no que se empregam também algumas mulheres pretas, que têm o nome de curadeiras: cujos remédios pela maior parte consistem no conhecimento de várias ervas, e na aplicação delas às enfermidades.

Capítulo V (*Memória*, páginas 61, 62, 64 e 65)

Das doenças crônicas...

Uma, e das principais moléstias crônicas, que sofrem os escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva à sepultura, vem a ser o **banzo**. O banzo é um ressentimento entranhado por qualquer princípio, como por exemplo: a saudade dos seus, e da sua pátria; o amor devido a alguém; à ingratidão, e aleivosia, que outro lhe fizera; a cogitação profunda sobre a perda da liberdade; a meditação continuada da aspereza [*da tirania*] com que os tratam; o mesmo mau trato, que suportam; e tudo aquilo que pode melancolizar. É uma paixão da alma, a que se entregam, que só é extinta [*só dão por extinta*] com a morte: por isso [*em o seu competente lugar*] (*Discurso*, p. 393) disse que os pretos africanos eram extremosos, fiéis, resolutos, constantíssimos, e susceptíveis no último extremo do amor, e do ódio.

Raimundo Jalama, sujeito de probidade, digno de toda a crença, que conta oitenta anos de idade, e que por vezes navegara para a Ásia; homem muito pronto, e experimentado em cálculos, e projetos mercantis; e (que) por dez anos na cidade de São Paulo de Luanda fora administrador do Contrato, e das Companhias do Pará e Pernambuco, estava no exercício de comprar [*na posse de comprar*], e remeter ao Brasil, para sortimento das ditas Companhias, um grande número de escravos em todas as estações do ano. Ele [*fielmente*] me informou a respeito desta enfermidade, [*chegando a afirmar*] que no tempo da sua administração [*e sucessiva compra de escravos*], em um dos lotes comprados tivera certa escrava com uma filha [*a qual depois se chamara Lucrecia*], de idade de sete para oito anos; a qual escrava se entregara a um tal fastio [*total fastio*], por efeitos do **banzo**, que nada queria comer, ainda oferecendo-se-lhe as melhores comidas, assim do nosso [*trato e*] costume, como as do seu país; para cujo fim tinha cozinheira própria; e observando ele esta obstinação [*e teima*], pela filha para isto insinuada entrou a pesquisar [*a causa e*] o motivo, por que a escrava se entregara ao **banzo** [*inspirando na filha com promessa de prêmio, que em conversa quisesse insuspeitavelmente extrair dos sentimentos de sua mãe, qual vinha a ser a causa*]; e com efeito veio a adquirir a certeza de que seu marido, a quem tanto amava, a havia dado a ela com ingratidão a dura escravidão, e

juntamente a sua filha tão estimada, como penhor da sua aliança. [*e com efeito veio a adquirir a certeza de que seu marido, a quem tanto amava, havia nomeado a ela com ingratidão, com separação, e desterro à dura e cruel escravidão, e juntamente a sua filha tão estimada, como penhor da sua aliança*] (*Discurso*, p. 393-94).

Sabida a causa, dispendendo-se os maiores agrados, promessas, e realidades de bom trato, e até de liberdade; nada foi capaz de lhe desfazer esta imaginação. À vista dos agrados na presença de muitas pessoas, que para eles concorriam, os seus olhos eram dois rios; de contínuo tinha a cabeça sobre os joelhos; continuou a não querer comer; faleceu: e a sua filha foi estimada, como a de uma heroína de amor, e de constância [*e sendo isto sucedido há mais de vinte anos, ainda há dois anos houveram cartas, que Lucrecia era viva*]. Este mesmo **banzo** por vezes observei no Brasil [*Este mesmo banzo por vezes observei na América Portuguesa*], que matara a muitos escravos; porém sempre por efeitos do ressentimento do rigor com que os tratavam os seus senhores. [*porém sempre foi efeitos do ressentimento, da crueldade, e da tirania com que aos escravos tratavam os seus senhores*] (*Discurso*, p. 394).

(...)

A sexta qualidade de moléstias crônicas, que costumam levar um grande número de escravatura insensivelmente à sepultura, vêm a ser as lombrigas, que se entende serem provenientes da relaxação do estômago; o que é inseparável dos climas ardentes (...).

Estes vermes, é opinião que causam os vulgares acidentes chamados de **gota coral**;^{*} a que os pretos chamam **ventos**, ou **calondu**: e como eles a atribuem à primeira espécie de castigo, e mal mandado pelo seu Zambe, ou Deus, a têm por incurável.

(...)

A oitava, e última das moléstias crônicas, e a mais prejudicial, quanto eu suponho, por particular observação, vem a ser a que chamam vulgarmente ressecção dos bofes; doença que provém da muita giribita, ou aguardente, e cachaça do Brasil, que de contínuo bebe toda a escravatura. A esta se entregam com extremo por três princípios: primeiro, porque vivendo em o seu país natalício, onde há falta dela, e sendo apaixonadíssimos desta bebida, ao depois encontrando-a com abundância, se fartam dela; segundo, porque a debilidade, a frouxidão, e a relaxação do seu estômago assim o pede; terceiro, porque sendo os escravos nascidos em um país muito mais quente do que o do Brasil, que

* “Gota coral”: também conhecida como *morbus sacer*, designações antigas da epilepsia (Santos Filho, *História geral da medicina brasileira*, p. 215) (nota da editora).

demais é assistido das muitas virações, andando muito mal vestidos, sentem frio, e na falta de roupa se entregam a esta bebida, persuadidos de que os aquece; o que sendo momentâneo, continuam na mesma bebida, para sustentarem o pretendido calor, com danificação conhecida das suas entranhas.

Disto também se entende que resultam as muitas hidropisias no Brasil.

(...)

Capítulo VI (*Memória*, páginas 67, 68, 78, 79, 85 e 86)

Dos meios de se acautelarem e de se curarem tanto as enfermidades agudas, como as crônicas...

(...)

Deviam ter como primeira regra, que os pretos perdendo a sua liberdade ficam desde logo apaixonados, e entregues a um indizível ressentimento, que é justo, e inseparável, e extensivo ao mesmo bárbaro; [*que também tem alma*], que também sente. Deviam por isso mesmo desde logo começar a tratá-los com brandura, e agrado, para fazer o cativo menos sensível, [*desimaginá-los*] e desvanecer pouco a pouco o banzo, que os não desacompanha. Porém pelo contrário sucede, que desde logo contra eles se arma o mau trato, o maior que se pode considerar. [*Porém pelo contrário sucede, que desde logo contra eles se arma a mão visível da tirania, e do mau trato, tratando-os com a maior crueldade que se pode considerar, e explicar*] (*Discurso*, p. 397).

Deviam ter como segunda regra inalterável trabalharem, quanto lhes fosse possível, para que no rancho, ou lote dos escravos sempre viesse a todo o custo, e por todo o preço, um daqueles seus práticos, a que chamam curadeiros, ou curadeiras; o que com pouco conseguiriam (...); para que estes curadeiros no decurso da viagem viessem observando as enfermidades, e aplicando as medicinas do seu uso.

(...)

Todas as enfermidades, e moléstias assim agudas, como crônicas, que ficam indicadas, à exceção tão-somente dos bichos da segunda espécie,* e do banzo, não são moléstias desconhecidas. A cada uma delas chega a medicina, sendo

* “Bichos da segunda espécie”: Oliveira Mendes descreve três tipos diferentes de doenças chamadas de *enfermidades do bicho*; a primeira, a corrupção intestinal; a segunda, causada por um “bicho” semelhante a “uma linha branca fina, e torcida” que se escondia sob a pele dos braços e pernas (*Memória*, p. 57, 58); e a terceira, por “bichos” que de início pareciam “com a mais pequena pulga” e se instalavam principalmente nos pés (*Memória*, p. 63) (nota da editora).

aplicada em tempo; porém a mesma medicina não pode emendar a negligência, e o mau trato, a que os pretos escravos ficam entregues, até que eles no desamparo morram [*porém a mesma medicina, não pode emendar a negligência, o mau trato e a tirania a que os comissários e os senhorios dos pretos escravos os entregam à revelia em o procedimento e auge das mesmas enfermidades até que eles no desamparo morram*] (Discurso, p. 407).

Se a escravatura fosse hospedada, e recebida em sobrado; se a toda ela se desse o vestuário preciso; se lhe fosse dada, além da necessária, e sadia comida, carne, de que tanto abunda aquele país; e se finalmente se tratasse do refresco, pelo meio das sazoadas frutas; dispendendo-se este bom trato, com infabilidade, pouca ou nenhuma escravatura viria a falecer das suas ordinárias doenças.

(...)

O banzo é outra gravíssima enfermidade, que surda, e insensivelmente abrasando, e consumindo a escravatura, a vai fielmente entregar à morte.

[*Sabemos, que nos portos marítimos africanos os habitantes já mais civilizados, fazem aplicação dos medicamentos anti-escorbúticos; porém, nenhuns destes remédios chegam a ser participados ao miserável escravo; situação esta em que a escravidão é bem comparada com a pena de morte, tendo por executor de sua sentença o desamparo, a que o entregam, e o mau trato, o que quando não suscita, adianta e promove o banzo, outra gravíssima enfermidade, que surda e insensivelmente abrasando, e consumindo a escravatura a vai pôr, e fielmente entregar à morte.*] (Discurso, p. 414).

O meio mais pronto, e o mais natural que, quanto a mim, pode haver para se exterminar esta moléstia de tão péssimas conseqüências, pois que o seu curativo não pode achar socorros ainda na melhor medicina, deve ser o excogitar-se tudo quanto possível seja para desterrar-se [*da desgraçada e*] da infeliz escravatura aquela justa paixão, a que se entrega, na cogitação de que vive [*circulada e*] combatida [*de todos e*] dos maiores males.

Em a dissuasão deste justo sentimento deve ter o primeiro lugar um trato que seja capaz de a desimaginar, de que ela não vive, e que não fora trazida para uma positiva [*e reconhecida*] desgraça, na qual se acha sepultada; deve ter o segundo lugar, comportarem-se os seus senhores para com ela de um modo benigno, [*brando*] e afável [*e risonho*], indicando-lhe que se acham bem servidos, inspirando na escravatura os sentimentos de que têm eles por acerto, e por fortuna a uns bons escravos [*a um bom escravo*]; para na recompensa nascerem os outros correlativos sentimentos nos escravos [*no escravo*], de que tiveram [*tivera*] a dita de encontrar a um bom senhor; deve ter o terceiro lugar, o moderarem-se os castigos [*o afaste dos severos e rigorosos castigos*] (Discurso, p. 414); deve ter o quarto lugar, a permissão de ela se divertir, e folgar ao seu modo, e ainda com a convocação dos seus compatriotas, e semelhantes; para lhe

influir um justo prazer, e a necessária alegria, o que só é capaz de fazer desterrar o banzo, e as cogitações fúnebres, a que com facilidade se entregam.

(...)

Conclusão (*Memória*, páginas 88 e 89)

No fim porém deste Discurso só me restam duas reflexões, que qualquer delas seria capaz de dar a matéria a outro novo Discurso; porém nesta parte abraçarei a concisão, deixando o que me resta a melhores penas.^{5*}

Primeira, que ainda que a variedade das águas, dos mantimentos, da qualidade das frutas, dos peixes, que por ínfimos são repartidos com a escravatura, e a mesma estranheza do clima de algum modo influi para as enfermidades, que padece a escravatura; contudo (quanto a mim) isto apenas lhe serve de irritação, e estímulos para a insurgência das moléstias, que dormem, e para a promoção das que já vêm criadas com antecipação, e originadas pelas grandes fomes, pelas insuportáveis sedes, e por todo o gênero de mau trato; o que tudo se aumenta pelo desamparo, a que ela é entregue.

Concluindo nesta parte, que nem a mudança do estado da ociosidade para o trabalho, para cujo fim são os escravos comprados, pode influir para suscitação das suas muitas enfermidades; porque os que de novo entram a trabalhar, trabalham o que podem, e ninguém deles deve mais exigir: dentro de poucos dias se habitua para o trabalho de um tal modo que vêm a ser constantes, e assíduos nele.

O que porém muito nestas circunstâncias do trabalho, assim como em todos os outros períodos da vida servil pode influir, é a fome, e a necessidade, que se combate com os esforços do mesmo trabalho; o que os obriga a serem fracos, porque os seus senhores lhes não dão ração certa, e só de ordinário o sábado livre [*e quando a dão, o que menos vezes sucede, esta é tão escassa, e tão curta, e tão miserável, que só serve, por assim dizer, para enganar a fome e para nada mais*]. Influi porém muito o mau trato do tronco, e outros rigorosos castigos, que recaem no fim do trabalho, quando se não tem completado a tarefa; o que vem a servir de aumento aos infinitos males principiadados com a escravidão, e ultimados com a fiel entrega dos ossos à terra [*responde o espírito na terra dos vivos*] (*Discurso*, p. 417).

5. Assim como se omite o que neste Discurso poderia dizer-se de considerações morais: mas deve ler-se o Padre Vieira nos *Sermões* 14^o, 20^o e 27^o do Rosário (nota do autor).

* A citação acima não se encontra na versão aqui chamada de *Discurso* (nota da editora).

Segunda, que havendo uma rigorosa necessidade da mesma escravatura para a promoção das nossas fábricas e estabelecimentos no Brasil, donde nos vem copiosos, e abundantíssimos gêneros, e nos quais a Real Coroa percebe os seus justos, e devidos direitos, a humanidade e os interesses da mesma Real Coroa exigem que se resista a estes absurdos.

Esta Real Academia, assim como o público, me há de perdoar ter eu talvez transgredido os limites. O amor da pátria me transportou, e o desejo de querer ser útil do modo que me foi possível, à porção mais infeliz da humanidade.*

[Segunda, que havendo uma rigorosa necessidade da mesma escravatura para a promoção das nossas fábricas e estabelecimentos no Brasil, donde nos vem copiosos, e abundantíssimos gêneros, nos quais a Real Coroa tem a melhor sociedade, porque supremamente, percebe os seus justos, e devidos direitos, combatendo-se a tirania dos senhores com a necessidade, vem a ser **um complexo de males, e de castigos** os miseráveis escravos. O céu, a terra, a humanidade e a mesma Real Coroa para a resistência destes absurdos comigo pedem vingança.

O simples escritor porém se não deve misturar com o sistema político, porque governe o mundo quem Deus pôs na terra para o governar, só se deve lembrar do sistema mais oportuno, pelo qual a humanidade oprimida respire: a tirania se reprima, visto que não pode haver outro meio de emenda à vista da teima, da obstipação, e da necessidade, que há da escravatura; que na mesma África por hora venha a menor porção dela, que puder vir, e que para o futuro dilatando-se pela observação o mesmo sistema, se levantem as mãos aos céus louvando a onipotência de Deus, que por um destino feliz fez desterrar, e desaparecer para sempre a escravidão dos pretos a todos odiosa.

Para este fim poderia haver uma lei municipal, que fosse dividida em diferentes capítulos.

No primeiro se estabeleceria como regra geral, e invariável, que o escravo, que contasse dez anos de escravidão, vida civil do homem, ficasse manumitido (...).

(...)

Deveria ter esta lei por quarto capítulo, que uma vez que o escravo, e a escrava casada tivessem quatro filhos, desde logo fossem manumitidos (...).

(...)

* A versão “curta” do texto de Oliveira Mendes termina aqui (*Memória*, p. 89). Há quase três páginas finais adicionadas à outra versão, ocupadas principalmente pela sua proposta de lei destinada a criar mecanismos para facilitar as manumissões e ainda a controlar os libertos para que trabalhassem (*Discurso*, p. 418-420) (nota da editora).

Esta Real Academia, assim como o público, me há de perdoar ter transgredido os limites de escritor, confundindo estes ofícios com os do legislador; porém, eles podem ter um disfarce bem aceite, quando tem por pequeno reino o curto, e limitado espaço de um gabinete particular.

*O amor da pátria me transportou, e os desejos de querer ser útil do modo que me foi possível, à porção mais infeliz da humanidade, me conduziu a este fim, e mais do que tudo isto, a certeza que em mim existe que na dilatação de nossas idéias em projetos interessantes com relação ao criador, e ao bem comum dos nossos semelhantes, também se verifica e tem aplicação o dito do sábio da Grécia: **Finem videre vitae langoevae.**] (Discurso, p. 418-420).*